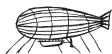


MILAN KUNDERA

RISÍVEIS AMORES

Tradução

Teresa Bulhões Carvalho da Fonseca



COMPANHIA DE BOLSO

Copyright © 1968 by Milan Kundera

Todos os direitos reservados/ Todas as adaptações da obra para cinema, teatro, televisão e rádio são estritamente proibidas.

Tradução autorizada pelo autor, com base na versão francesa de François Kérel

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original

Směšné Lásky

Capa

Jeff Fisher

Preparação

Márcia Copola

Revisão

Juliane Kaori

Renato Potenza Rodrigues

Atualização ortográfica

Verba Editorial

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Kundera, Milan

Risíveis amores / Milan Kundera ; tradução Teresa Bulhões
Carvalho da Fonseca. — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das
Letras, 2012.

Título original: Směšné Lásky
ISBN 978-85-359-2208-0

1. Ficção tcheca I. Título.

12-14584

CDD-891.863

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura tcheca 891.863

2012

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

SUMÁRIO

Ninguém vai rir	7
O pomo de ouro do eterno desejo	45
O jogo da carona	69
O simpósio	93
Que os velhos mortos cedam lugar aos novos mortos	137
O dr. Havel vinte anos depois	161
Eduardo e Deus	197
Posfácio	237
Notas	260
Sobre o autor	263

NINGUÉM VAI RIR

1

“Sirva-me mais um copo de slivovitz”, pediu Klara, e eu não me opus. Para abrir a garrafa havíamos encontrado um pretexto que não tinha nada de extraordinário mas se justificava: eu acabara de receber naquele dia uma quantia bem razoável como pagamento por um longo estudo que saíra numa revista de história da arte.

Meu estudo tinha sido publicado, mas não sem um certo esforço. O que eu escrevera eram apenas críticas e polêmicas. Por isso a revista *O Pensamento Plástico*, com sua redação sombria e circunspecta, recusara esse texto, e eu o encaminhara então a uma revista concorrente, certamente menos importante, mas cujos redatores eram mais jovens e menos sensatos.

O carteiro levava para mim, na faculdade, uma ordem de pagamento e uma carta. Uma carta sem importância, que li por alto pela manhã, impressionado com minha nova projeção. Uma vez em casa, quando se aproximava a meia-noite e a garrafa estava quase no fim, apanhei a carta na minha mesa e a li para Klara, para nos divertirmos:

“Prezado camarada — e se posso me permitir usar este termo —, prezado colega —, perdoe a um homem, com quem o senhor nunca falou, tomar a liberdade de escrever-lhe. Dirijo-me ao senhor para pedir-lhe que leia o artigo anexo. Não o conheço pessoalmente, mas o estimo, pois o senhor a meu ver é um homem cujas opiniões, raciocínios e conclusões sempre pareceram confirmar de modo surpreen-

dente os resultados de minhas próprias pesquisas...” Seguiam-se grandes elogios aos meus méritos e uma solicitação: ele me pedia o favor de redigir um parecer crítico à revista *O Pensamento Plástico*, que havia seis meses recusava seu artigo, negando-lhe qualquer valor. Tinham dito ao interessado que minha opinião seria decisiva, de maneira que eu era a única esperança do autor, a única luz naquelas teimosas trevas.

Klara e eu fizemos todo tipo de brincadeiras com esse sr. Zaturecky, cujo nome pomposo nos fascinava. Mas brincadeiras desprovidas, claro, de qualquer intenção maldosa, pois tantos elogios me enterneciam, sobretudo com uma garrafa de excelente slivovitz ao alcance da mão. A tal ponto que nesses instantes inesquecíveis eu amava o mundo inteiro e, não podendo dar presentes ao mundo inteiro, eu os dava a Klara — se não presentes, pelo menos promessas.

Klara, com seus vinte anos, era uma moça de boa família. Mas o que estou dizendo? De excelente família! Seu pai, ex-diretor de banco e, portanto, representante da grande burguesia, fora expulso de Praga por volta de 1950 e se instalara na cidade de Celakovice, a uma distância considerável da capital. A filha, que passava despercebida à administração, trabalhava como costureira diante de uma máquina no imenso ateliê de uma confecção de Praga. Eu estava sentado em frente a ela e encorajava seu interesse por mim, elogiando levemente as vantagens do emprego que prometera lhe arranjar com a ajuda dos meus amigos. Afirmei que era inadmissível uma moça tão bonita perder sua beleza diante de uma máquina de costura e decidi que ela devia se tornar manequim.

Klara não me contradisse, e passamos a noite em feliz harmonia.

Atravessamos o presente de olhos vendados, mal podemos pressentir ou adivinhar o que estamos vivendo. Só mais tarde, quando a venda é retirada e examinamos o passado, percebemos o que vivemos e compreendemos o sentido do que se passou.

Eu imaginava, naquela noite, brindar ao meu sucesso, e não suspeitava de modo nenhum que aquilo poderia ser o prenúncio solene do meu fim.

E porque não suspeitava de nada, acordei de bom humor no dia seguinte: enquanto Klara continuava dormindo um sono feliz, peguei o artigo anexado à carta do sr. Zaturecky e comecei a lê-lo na cama com alegre indiferença.

O artigo, intitulado “Um mestre do desenho tcheco, Mikolas Ales”, não merecia nem mesmo a meia hora desatenta que eu lhe dispensava. Era um conjunto de lugares-comuns amontoados sem o mínimo senso de desenvolvimento lógico, sem a mínima originalidade.

Era, sem dúvida nenhuma, uma inépcia. Opinião que o dr. Kalusek, redator-chefe da revista *O Pensamento Plástico* (personagem por sinal dos mais antipáticos), confirmou no mesmo dia por telefone. Ele ligou para mim na faculdade e disse: “Você recebeu a dissertação do sr. Zaturecky? Pois bem, faça-me o favor de redigir um parecer, cinco especialistas demoliram seu artigo, mas ele continua insistindo e acha que você é a única e exclusiva autoridade. Escreva em poucas linhas que o artigo não tem fundamento. Você é bem indicado para isso, pois sabe ser incisivo, e assim ele nos deixará em paz”.

Mas alguma coisa em mim se revoltou: por que deveria ser justamente eu o carrasco do sr. Zaturecky? Era eu por acaso quem recebia um salário de redator-chefe? Aliás, lembra-me muito bem que *O Pensamento Plástico* tinha julgado

prudente recusar meu estudo; além disso, o nome do sr. Zaturecky estava para mim fortemente ligado à lembrança de Klara, à garrafa de slivovitz e a uma boa noitada. E, por último, não posso negá-lo, é humano, poderia contar nos dedos da mão e talvez num só dedo as pessoas que me consideram “a única e exclusiva autoridade”. Por que me tornar inimigo desse único admirador?

Terminei a conversa com Kalusek com algumas palavras espirituosas e vagas que cada um de nós podia considerar como quisesse, ele como uma promessa e eu como uma escapatória, e desliguei firmemente decidido a jamais escrever o parecer crítico para o sr. Zaturecky.

Apanhei então papel de carta na gaveta e escrevi ao sr. Zaturecky uma carta em que evitei cuidadosamente formular qualquer tipo de apreciação sobre seu trabalho e lhe expliquei que minhas ideias sobre a pintura do século XIX são tidas em geral como erradas, sobretudo pela redação de *O Pensamento Plástico*, de modo que minha intervenção poderia ser mais prejudicial do que útil; ao mesmo tempo, envolvia o sr. Zaturecky com uma eloquência amistosa em que não passaria despercebida uma marca de simpatia por ele.

Logo que essa carta foi postada, esqueci do sr. Zaturecky. Mas o sr. Zaturecky não esqueceu de mim.

3

Um belo dia, quando terminei meu curso (ensino história da pintura), a secretária, a sra. Maria, dama afável e idosa que prepara o café para mim e responde que não estou quando indesejáveis vozes femininas são ouvidas ao telefone, bateu à porta da sala de aula. Pôs a cabeça no vão da porta e disse que havia um senhor me esperando.

Os senhores não me assustam. Deixei meus alunos e saí

tranquilo para o corredor, onde um homem baixo, de terno preto surrado e camisa branca me cumprimentou. Depois anunciou muito respeitosamente que se chamava Zaturecky.

Levei meu visitante para uma sala vazia, ofereci-lhe uma poltrona e iniciei a conversa com um tom jovial, falando de assuntos banais, do desagradável verão que atravessávamos e das exposições de Praga. O sr. Zaturecky concordava polidamente com cada uma de minhas opiniões, mas procurava desviar a conversa para seu artigo, que de súbito se ergueu entre nós, em sua invisível substância, como um ímã irresistível.

“Escreveria de boa vontade um parecer sobre o seu trabalho”, disse eu afinal, “mas já lhe expliquei na minha carta que ninguém me considera um especialista em pintura tcheca do século XIX e que, além do mais, não são das melhores as minhas relações com a redação de *O Pensamento Plástico*, onde sou visto como um modernista inveterado, e por isso uma apreciação favorável de minha parte poderia apenas ser prejudicial ao senhor.”

“Oh! O senhor é demasiado modesto”, retrucou o sr. Zaturecky. “Como um especialista do seu porte pode ser tão pessimista sobre sua própria posição? Disseram-me na redação que tudo agora dependia do seu ponto de vista. Se o senhor for favorável ao meu artigo, ele será publicado. O senhor é a minha única chance. Este trabalho representa três anos de estudos, três anos de pesquisas. Tudo agora está em suas mãos.”

Com que indiferença e com que pobre metal forjamos nossos subterfúgios! Não sabia o que responder ao sr. Zaturecky. Levantando maquinalmente os olhos para ele, vi uns óculos inocentes, pequenos e fora de moda, mas também uma profunda ruga enérgica traçada verticalmente na sua testa. Num breve instante de lucidez, um arrepio me percorreu a coluna vertebral. Aquela ruga atenta e obstinada refle-

tia não apenas o martírio intelectual de seu proprietário debruçado sobre os desenhos de Mikolas Ales, mas também uma força de vontade pouco comum. Perdendo toda a presença de espírito, eu já não conseguia encontrar desculpas hábeis o bastante. Sabia que não redigiria aquele parecer, mas sabia também que não teria forças para dizer isso diante daquele pequeno homem súplice.

Comecei a sorrir e a proferir promessas vagas. O sr. Zaturecky me agradeceu dizendo que em breve voltaria para se informar; deixei-o todo sorrisos.

Voltou com efeito alguns dias depois, consegui evitá-lo habilmente, mas no dia seguinte me informaram que ele tornara a me procurar na faculdade. Compreendi que a coisa ia mal. Fui logo falar com a sra. Maria a fim de tomar as providências que se impunham.

“Por favor, sra. Maria, se algum dia esse senhor voltar a me procurar, diga a ele que fui fazer uma viagem de estudos à Alemanha e que não estarei de volta antes de um mês. Outra coisa: todas as minhas aulas são às terças e quartas-feiras. Daqui por diante darei minhas aulas às quintas e sextas. Apenas meus alunos serão informados, não diga a ninguém e não modifique o horário. Preciso ficar na clandestinidade.”

4

Pouco tempo depois, o sr. Zaturecky foi com efeito me procurar na faculdade e pareceu desesperado quando a secretária lhe anunciou que eu partira precipitadamente para a Alemanha. “Mas é impossível! O senhor assistente tem que escrever um parecer sobre meu artigo! Como é que ele foi embora assim?” “Não sei de nada”, respondeu a sra. Maria, “mas ele deve voltar dentro de um mês.” “Um mês ainda...”,

lamentou-se o sr. Zaturecky. “E a senhora não sabe o endereço dele na Alemanha?” “Não sei”, disse a sra. Maria.

Tive paz por um mês.

Mas o mês passou mais depressa do que eu imaginava, e o sr. Zaturecky retornou ao escritório da secretária. “Não, ele ainda não voltou”, disse-lhe a sra. Maria, que, ao me ver, perguntou num tom suplicante: “O sr. Zaturecky voltou outra vez, o que quer que eu lhe diga?” “Diga-lhe, minha cara Maria, que peguei icterícia na Alemanha e estou num hospital de Iena.” “No hospital? Mas é impossível! Ele devia escrever um parecer sobre meu artigo!”, exclamou o sr. Zaturecky quando a secretária lhe deu essa notícia alguns dias depois. “Sr. Zaturecky”, disse a secretária em tom de censura, “o senhor assistente está gravemente enfermo no estrangeiro, e o senhor só pensa no seu artigo!” O sr. Zaturecky baixou a cabeça e saiu, mas após quinze dias estava de volta: “Mandei uma carta registrada para Iena. A carta foi devolvida!”. “O homem vai me enlouquecer”, disse-me a sra. Maria no dia seguinte. “Não se aborreça comigo, mas o que queria que eu fizesse? Disse-lhe que o senhor tinha voltado, agora terá que se arranjar com ele!”

Não fiquei com raiva da sra. Maria, ela fazia o que podia, e, aliás, eu estava longe de me dar por vencido. Sabia que não seria encontrado. Só vivia clandestinamente, dava clandestinamente minhas aulas de quinta e sexta e, sempre clandestinamente, às terças e quartas ia me esconder atrás do portão de um prédio em frente à faculdade e me divertir com o espetáculo do sr. Zaturecky, que espreitava diante da faculdade, aguardando minha saída. Tinha vontade de pôr uma peruca e uma barba postiça. Sentia-me um Sherlock Holmes, Jack, o Estripador, o Homem Invisível caminhando pelas ruas da cidade. Estava de excelente humor.

Mas, um dia, o sr. Zaturecky cansou da espreita e aplicou um golpe na sra. Maria. “Mas, afinal de contas, quando o

camarada assistente dá seus cursos?” “Basta o senhor consultar os horários”, respondeu a sra. Maria, mostrando na parede um grande painel quadriculado em que os horários dos cursos estavam indicados com uma clareza exemplar.

“Sei”, disse o sr. Zaturecky, que não se dava por achado, “mas o camarada nunca vem dar aulas na terça e na quarta-feira. Ele está de licença?”

“Não”, respondeu a sra. Maria, encabulada.

E o homenzinho arrasou a sra. Maria com acusações. Censurou-a por não haver posto o horário em dia. Perguntou com ironia como ela podia ignorar a que horas os professores davam aula. Anunciou que ia dar queixa dela. Vociferou. Declarou que iria também se queixar do camarada assistente, que não estava dando suas aulas. Perguntou se o reitor se encontrava na faculdade.

Por azar, o reitor estava lá.

O sr. Zaturecky bateu à porta do seu escritório e entrou. Dez minutos depois estava de novo no escritório da sra. Maria, perguntando secamente o meu endereço.

“Rua Skalníkova, 20, em Litomyšl”, disse a sra. Maria.

“Como, em Litomyšl?”

“O senhor assistente tem apenas um apartamento em Praga e não quer que eu dê o endereço...”

“Exijo que me dê o endereço do senhor assistente em Praga”, gritou o homenzinho com voz estridente.

A sra. Maria perdeu de vez a coragem. Forneceu o endereço da minha mansarda, do meu pobre abrigo, da feliz toca onde eu seria acuado.

5

Sim, meu domicílio permanente é em Litomyšl. Lá estão minha mãe e as lembranças de meu pai; sempre que posso,

saio de Praga e vou trabalhar e estudar em casa, na pequena moradia de mamãe. De modo que conservei o endereço dela como endereço permanente. Mas em Praga não fui capaz de encontrar um apartamento adequado, como seria normal e necessário, e moro num bairro de subúrbio, sob o telhado, numa pequena mansarda completamente independente que me sublocaram e cuja existência escondo tanto quanto possível para evitar o encontro inútil de visitantes indesejáveis com minhas efêmeras companheiras.

Não poderia, portanto, pretender que minha reputação no prédio fosse exatamente das melhores. Além disso, durante minhas estadas em Litomyšl, emprestara muitas vezes meu quarto a camaradas que se divertiam tanto que ninguém na casa conseguia pregar o olho à noite. Tudo isso provocava a indignação de certos locatários, que faziam contra mim uma guerra surda, a qual se manifestava de vez em quando por advertências do comitê de rua e inclusive por uma queixa ao serviço de habitação.

Na época a que me refiro, Klara, que começara a achar cansativo sair de Celakovice para trabalhar em Praga, tinha resolvido dormir em minha casa, a princípio timidamente e em casos excepcionais, depois trouxera um vestido, mais tarde vários vestidos, e no fim de algum tempo meus dois ternos foram esmagados no fundo do armário e minha mansarda transformada em salão feminino.

Eu gostava muito de Klara; era bonita; agradava-me que as pessoas virassem a cabeça para nos olhar quando saíamos juntos; tinha treze anos menos do que eu, e essa circunstância só aumentava meu prestígio junto aos meus alunos; em suma, eu tinha mil razões para me apegar a ela. No entanto, não queria que soubessem que ela morava em minha casa. Temia que se voltassem contra meu bravo proprietário, um homem idoso que se mostrava discreto e não se metia na minha vida; tremia ao pensar que um dia ele viesse, triste e

contrariado, pedir-me que pusesse a moça na rua em defesa de sua boa reputação. Por isso Klara recebera instruções para não abrir a porta para ninguém.

Naquele dia ela estava sozinha em casa. Era um belo dia ensolarado, e a mansarda quase sufocava. Ela estava deitada nua no meu divã e se dedicava a contemplar o teto.

Então começaram a tamborilar na porta.

Não havia o que temer, pois não há campainha, as visitas são obrigadas a bater na porta. Klara não se deixou perturbar pelo barulho nem pensou em interromper sua contemplação do teto. Mas as batidas não cessavam; ao contrário, continuavam com uma tranquila e incompreensível perseverança. Klara acabou se irritando. Pôs-se a imaginar que atrás da porta estaria um senhor que levantava lenta e eloquentemente a gola do casaco e que em seguida iria lhe perguntar com rispidez por que ela não abria, o que escondia e se estava registrada naquele endereço. Cedeu a um sentimento de culpa, baixou os olhos que conservava sempre fixos no teto e procurou com o olhar o lugar onde deixara suas roupas. Mas as batidas eram tão obstinadas que ela, confusa, só pôde encontrar minha capa pendurada na entrada. Enfiou-a e abriu.

No limiar da porta, em vez do rosto mau de um bisbilhoiteiro, ela viu apenas um homenzinho que a cumprimentava: “O senhor assistente está em casa?”. “Não, ele saiu!” “É pena”, disse o homem, e se desculpou polidamente de incomodar Klara. “O senhor assistente precisa escrever um parecer sobre um artigo de minha autoria. Ele me prometeu, e agora essa questão é muito urgente. Se a senhora permitir, gostaria de lhe deixar um recado.”

Klara ofereceu papel e lápis ao homenzinho, e à noite pude ler que a sorte de seu artigo sobre Mikolas Ales estava em minhas mãos e que o sr. Zaturecky esperava respeitosa-mente que eu redigisse o parecer prometido. Acrescentou que voltaria a me procurar na faculdade.

No dia seguinte, a sra. Maria me contou que o sr. Zaturecky a ameaçara, vociferara e fora reclamar; a infeliz estava com a voz trêmula, à beira das lágrimas; dessa vez fiquei colérico. Compreendia muito bem que a sra. Maria, que até agora vinha se distraíndo com esse jogo de esconde-esconde (mais por simpatia por mim do que por franca alegria), agora se sentisse ofendida e visse em mim, naturalmente, a causa dos seus aborrecimentos. E se eu acrescentasse a esses agravos o fato de que a sra. Maria revelara o endereço de minha mansarda, de que haviam tamborilado em minha porta durante dez minutos e de que tinham assustado Klara, minha cólera se transformaria em fúria.

E quando eu estava ali, percorrendo a passos largos o escritório da sra. Maria, mordendo os lábios, fervendo, imaginando uma vingança, a porta se abriu, e apareceu o sr. Zaturecky.

Assim que ele me viu, seu rosto se iluminou de felicidade. Inclinou-se e me deu bom-dia.

Tinha chegado muito cedo, não dera tempo de eu pensar em minha vingança.

Perguntou se haviam me entregado seu recado da véspera. Não respondi nada.

Ele repetiu a pergunta.

“Sim”, respondi finalmente.

“E o senhor vai escrever o parecer?”

Eu o via diante de mim: mesquinho, teimoso, ameaçador; via o sulco vertical que desenhava em sua testa o traço de sua única paixão; via esse traço retilíneo e compreendi que era uma linha reta determinada por dois pontos: meu parecer crítico e seu artigo; e que, exceto o vício dessa linha maníaca, só existia em sua vida uma ascese digna de um santo. E não resisti a uma malevolência salvadora.